

A saga da **família Ribeiro**

(No centenário de Antônio Gonçalves Ribeiro)

15 de agosto de 2021

Oeiras-Piauí



1ª Edição - 2021



Centenário



Antônio Gonçalves Ribeiro

2021





Nesta festa, as alegrias
Se somam às emoções,
Porque nossa vida está
Envolta nas sensações,
Que Antônio Ribeiro traz
Hoje aos nossos corações.

Nasceu Antônio Ribeiro
Lá mesmo em São João,
Da Varjota depois vai
Levando no coração
Um retrato de saudade
Desenhado no sertão.

Assim, as nossas ações
Se voltam para louvar
Aquele que lhe deu vida
E mais vida fez brotar,
Na construção dessa história
Que faz orgulho contar.

Onde quer que ele chegasse
Com seu jeito sertanejo,
Tinha sempre um jeito leve,
Cheio de riso e gracejo,
Desses que deixa saudade
Que hoje em dia inda vejo.

A década já a findar,
Dos anos trinta passados,
Países em todo mundo
Olhavam muito assustados,
Viria a Segunda Guerra
Com seus tristes resultados.

E na vasta imensidão
Da paisagem sertaneja
Vai seu Antônio Ribeiro,
Como o destino planeja,
Construir uma família
O bem maior que deseja!

No Nordeste, outros cuidados
Preocupavam também,
Porque sem chuva, a miséria
Não tem pena de ninguém
Força o trabalhador
Ir de sua terra além.

Como um barco que veleja
Na imensidão do mar,
No oceano da vida
Antônio põe-se a singrar,
Então, com dona Azenira
Quis muito jovem casar.





O amor vem encontrar
Quem dele está à procura.
Assim os dois se encontram
E duma forma segura,
Afirmam-se na verdade
Por quem a vida perdura.

Cada flor carrega o cheiro
Da árvore que a fez brotar.
Assim cada filho leva
A essência de amar
Aprendida com os dois
Nesse abençoado lar.

Faz sentido essa ventura
De poder comemorar
Os cem anos de idade,
Exemplo mesmo sem par,
Dona Azenira também
Bem merece festejar.

Hoje esse nosso lugar
Respira felicidade,
Todos agradecem muito
A paciência e a bondade
Dos corações que nos dão
Exemplos de caridade.

Desta verdade de amar
Dezesseis filhos chegaram
Todos com amor cuidados
Porque os pais bem zelaram,
Como bens do Pai Eterno
A quem ambos se entregaram!

De Bodocó, na verdade,
A Oeiras há estrada,
Há pedra, sol e calor,
Ou frio na madrugada,
Mas nada impediu Antônio
De cumprir sua jornada.

100 anos de vida chegaram,
E seu Antônio Ribeiro
Comemora nova idade
Muito grato a Deus primeiro,
Depois a dona Azenira,
Amor único e verdadeiro.

Esta data é reservada
E para nós vale a pena,
Falar de nossa família
Não é tarefa pequena.
É ofício que nos alegra
E deixa a vida mais plena.





Falar em tudo isso apraz,
E nos enche de alegria;
Poder celebrar agora
O nosso avô nesse dia,
É ver diante de nós
Anos de sabedoria!

Francisca veio primeiro
Pra cuidar dos seus irmãos
Depois veio Zé Ribeiro,
Este o primeiro varão;
João, Mário e Maria;
Socorro e Inácia, então.

Que Deus seja sempre guia
No seu caminho constante,
Cada passada que dê
Seja uma luz radiante,
Que devemos carregar
E brilhar em nós adiante.

Bastião, Vicente e Ceixa
Vieram logo em seguida;
Joana, Tico e Antônio
Francisco, Perpétua e Cida:
Eis a lista dos irmãos,
Histórias de nossa lida

Pra falar dessa união
Não podemos esquecer
Papai João e mãe Quilara (Clara)
Pai e mãe que fez nascer
A linda pernambucana
Fez Antônio estremecer.

Vitória não veio à luz,
Porque a mãe se assustou
Quando um caminhão-pipa
Por perto dela passou
O barulho foi tão grande
Que o feto não suportou!

Como era de se prever
Foi um tempo de aflição:
A seca dos anos 40
Afligia o sertão.
Dezesseis filhos tiveram,
Não tinham televisão!

Papai João era cearense,
Mãe Quilara pernambucana,
Viviam em Bodocó,
Mas a sina quase insana
Forçou-lhes à retirada,
Por condição mais humana.





Era trinta e nove o ano
Do século que se passou,
Quando chegaram, por fim,
Com tudo que lhes restou:
Um jegue e mais três cabras,
Conforme o casal contou.

Em São João da Varjota
Casaram-se finalmente,
Antônio e Azenira:
Cada qual o mais contente,
Ela disse ter dezesseis anos,
Mas tinha quinze somente.

Voltaram pra Pernambuco,
Logo depois que casaram,
Num lugar chamado Inveja
Por ali se instalaram,
Na fazenda saco verde
Ali um ano moraram

Ali nasceu a Sachica
A primogênita do lar
Desse casal conhecido
Onde puderam morar
Até que findou um ano
Para São João retornar.

Quero fazer uma pausa
Para um detalhe contar
Do nascimento de Antônio
Que nos faz admirar:
Por causa de uma mosca
Quase que aprende a voar.

Assentou-lhe na cabeça
O inseto, sem tardança,
Seu pai mais do que ligeiro,
Cheio de tal confiança:
Deu um safanão na mosca.
Que saltou longe a criança.

Ele disse que viveu
Por um milagre divino,
Mas só Deus sabe as razões
Porque o nosso destino
Está nos desígnios d'Ele,
Como crê desde menino.

Contava apenas oito anos
Como adulto trabalhava,
Um dia numa viagem
Uma onça o espreitava
Pela beira da estrada
Quando a casa retornava.





A onça estava esperando
E quando ele passou,
O animal muito rápido
Sobre o jumento saltou
O seu pai com um facão,
Por sorte, a afugentou.

Quando a onça se lançou
Ele também foi ao chão,
O jumento, carga e tudo
Envoltos no poeirão,
O seu pai veio depressa
Venceu a onça a facão.

Certo dia Antônio viu
Seu chão desaparecer,
Contava 14 anos
Viu o seu pai falecer,
E uma missão enorme
Lhe coube desenvolver.

Da mãe e de seus irmãos
Teve Antônio que cuidar,
Embora fosse tão jovem
Obrigou-se a enfrentar
Um ofício como esse
De a todos sustentar.

Como profissão Antônio
Trabalhou como barbeiro;
Foi peão, agricultor,
Mudando de paradeiro,
Depois, por fim, se firmou:
Construtor, mestre, pedreiro.

O tempo passou veloz,
Sem esperar por ninguém
No trabalho mais pesado
Teve que pegar também
Antônio nunca enjeitou
O duro que a vida tem.

Trabalhou em sua vida
Em muitas ocasiões
Com um salário mirrado,
Por aquelas regiões.
Contudo, jamais se ouviu
Destilar lamentações.

Por patrões foi enganado
Nas diárias que fazia,
Quando ia receber
O patrão diminuía
As diárias trabalhadas
E pagava o que queria.





Assim era aquele tempo,
Hoje ainda deve haver
Muitos pobres enganados
Sofrendo, sem merecer,
Às vezes fica devendo
Ao invés de receber...

Assim virou construtor
De mãos grossas, calejadas,
Que sustentaram os filhos
Nas lidas duras, pesadas
Admirados por todos
Nessas longínquas jornadas.

Antônio, graças a Deus,
Teve excelente patrão,
Como o Senhor Mário Freitas,
Homem de bom coração,
Que a quem podia ajudava,
Não fazia distinção.

Por tradição, a família
Dá um bezerro de raça
Para o neto ter fortuna
E na história se faça
Um caminho de fartura,
Como bem que nunca passa.

Mário Freitas o ajudou
E no comércio o queria,
Mas Antônio não cedeu
Porque não lhe parecia
Ser honesto e concorrer
Contra quem lhe assistia.

Deu, então, para os bisnetos
Um bezerro de presente.
Mas veio um ano de seca
Dessas que assusta a gente...
Vendeu o bezerro e deu
Mil reais – foi previdente!

Assim não quis mais ficar
No comércio, como estava,
Foi para a construção
Que no tempo demandava
Virou um mestre de obra
Trabalho que lhe encantava.

Dona Azenira só quer
Pedir a Deus de bondade
Paz, saúde e alegria
Concórdia e felicidade,
Que todos sejam felizes
Até a eternidade...





“Livrai-nos, do cão de carne,
Protegei-nos, Pai de amor,
Que toda a nossa família,
Pelo Cristo Redentor,
Seja livre agora e sempre
Das ações do tentador!”

“Maria, Mãe de Jesus,
Nossa Mãe Imaculada,
Com seu Manto de Amor,
Nos guie em nossa Jornada
Que a vida de cada um
Seja por ela guardada...”

“Que nas viagens que façam
Sejam todos protegidos,
Na graça do amor de Deus
Sejamos todos validos,
e todos e quaisquer males
Sejam, por Deus, repelidos!”

Quando Francisca nasceu
Antônio Ribeiro andou
Duas léguas para buscar
Tudo de que precisou:
As palhas da bananeira
Com que a cama forrou.

Porém, quando Antônio tinha
As palhas já retiradas
Apareceu-lhe um cabra
Com ações desaforadas,
Bunga era o nome dele,
De gentes endiabradas...

Queria tomar as palhas,
Mas Antônio resistiu
Puxou o facão disposto
E o Bunga pressentiu
Saiu dali às carreiras
Que nunca mais ninguém viu...

Foi assim que seu Antônio
Ficou logo conhecido,
Como Antônio Valentão
Porque fora destemido,
Enfrentando um encenqueiro,
Que até ali tinha sido.

Quando chegava São João
Papai João tinha fraqueza,
Pois em jogo de azar
Tinha ele uma destreza,
Mas punha tudo em risco,
Então era só tristeza.





Por isso, teve uma vez
De pra Bodocó fugir
Por causa de jogatina
Teve de se escapulir...
Volta pra quitar as dívidas
Com honra, sem mais cair.

Maria teve oito filhos,
Família bem ajeitada,
Com Chiquinho era ela
Há muito tempo casada.
Nas festas de fim de ano
Era a mais animada.

Era já dois mil vinte,
Chegou essa pandemia
Da Covid-19,
Que dor nos infligiria:
Essa terrível doença
Muitas desgraças traria.

Francisca Ribeiro foi
Casada com Abel Lustosa,
Foram os pais de nove filhos,
Família bem numerosa,
Que zela a tradição
Da vida religiosa.

Em maio, a tia Maria
Doutra doença morreu,
Deu-lhe um tumor no pâncreas
Que logo a abateu,
Foi uma tristeza imensa
Do jeito que aconteceu.

Para mostrar seu amor
Pelos seus queridos pais
Voltou depois pra Oeiras,
Sem nada exigir demais:
Ficar cuidando dos seus
E não os deixar jamais.

Por causa da pandemia
Não se pode mais fazer
As despedidas do luto
Como costumava ser:
A tristeza se agiganta
Que não se pode dizer...

Francisca e seus nove filhos
Têm uma história bonita:
Quem sai de perto da mãe,
Sente saudade infinita,
Volta a vê-la todo ano:
Assim a vontade dita...





Zé Ribeiro foi casado
Com nossa tia Divina.
O casal fez nove filhos.
Morou fora, mas a sina
O fez retornar de novo,
Como a história determina.

Morou tempo em Goiás,
Porém voltou a Oeiras,
Nos sertões do Centro-Oeste,
Nas planícies e ladeiras,
Resolveu tornar pra casa
Depois de muitas poeiras.

Tio João também é
Um pai muito exemplar,
Casou com tia Fatinha,
Tendo vida singular
Espelhou-se na Igreja
E pôde bem se inspirar.

Tio João tem quatro filhos
A quem muito os inspirou
A seguir a vida reta
Conforme Cristo ensinou.
Levou a sério os estudos
E em mestre se transformou.

Tio Assis, com sacrifício,
Chegou também a estudar
Um curso superior,
E conseguiu se formar
Em administração:
Valeu a pena lutar.

Tio Mário Batoré
Com tia Santa casou.
Com ela teve três filhos,
Presentes que Deus mandou,
Família cheia de brios,
Bens que o casal zelou.

Tio Mário ainda incentiva
A festa de Reis falada,
É de todos conhecida
E pelo povo estimada.
Ele o faz com gosto e fé
Desd'outra época passada.

Tia Socorro também
Quero aqui bem exaltar,
Casada com tio Inácio,
E conseguiram formar
Quatro filhos nos caminhos
Da ciência, luz sem par.





Foi ela quem ajudou
Os irmãos em outra via:
Aquela que leva a Deus,
Que por seu amor nos guia
A um destino feliz,
Luz que ao mundo alumia.

É mecânico e trabalha
Com toda dedicação,
Vive seu calvário ainda
Por toda situação...
A família tem limites,
Mas o seu esforço, não.

Tia Inácia foi casada
Com tio Geraldo e os dois
Tiveram os quatro filhos,
Mas algum tempo depois
Faleceu o seu esposo,
Cuidou só dos filhos, pois!

Tio Vicente com Evinha
Formou, por tempo, um casal
E quatro filhos tiveram,
Daquele amor real.
Quando dela separou-se
Sentiu a dor crucial...

Depois, casou novamente,
E teve um filho, o Juninho.
A relação não durou,
Separou-se e, em desalinho
Um tumor lhe apareceu,
Encurtando seu caminho.

Depois não mais suportando,
Lutou até falecer
A mulher a quem amou
Jamais a pôde esquecer.
Hoje a sua saudade,
Nos filhos volta a viver...

Sebastião foi casado
Com nossa tia Elismar,
O casal teve quatro filhos.
Mas teve de separar
A relação se acabou,
Não pôde continuar...

O casamento de Ceiça
Por vinte anos durou
Dudé não gerava filhos
Assim, não engravidou
Mas o seu destino era
O Britão, primeiro amor





Fruto de um namoro antigo
O Britão se apaixonou
Ao saber do seu divórcio
Logo se aproximou
Assim, foi para São Paulo
E sem demora se casou

Todas as filhas mulher
Eram cuidadas com amor
Tanto que o pai Antônio
Zelava com mais temor
Porque isso facilmente
Podia causar-lhe horror.

A tia Joana foi
Casada com Zé Maria
Tiveram um casal de filhos,
Razão de sua alegria,
Mas depois muito sofreu,
Porque Zé muito bebia.

Convivia com a bebida
E tudo o que ela traz.
Zé Maria faleceu,
Mas antes sofreu demais,
Provando que a bebida
Muito mal à vida faz...

Conhaque São João da barra
A única exceção
Diz o doutor a quem sofre
Problemas do coração
Tome apenas duas doses
E viverás de montão.

Tico, um tio esportista,
Com Adriana é casado,
O casal tem uma filha,
Por quem sempre tem lutado.
Foi pedreiro, foi garçom,
É motorista apumado.

Trabalha na mesma empresa
Que a sua esposa trabalha.
Assim ambos se ajudam,
Nada há que lhes empalha.
A vida é luta e a luta
Vence mesmo quem batalha.

Olha o cachorro na carne
É o que se mais exclama
De Lanildo quando grita
E a família quando inflama
E as roscas do fim de ano
Cachorro é quem leva a fama.





Tio Antônio tem três filhos
Com tia Telma é casado.
Desde cedo trabalhou,
Sempre foi desenrolado
Foi muito cedo à Brasília
Para o trabalho pesado.

Hoje, em Brasília trabalha
Como um feliz jardineiro;
Zelador que com capricho
Honra o que faz primeiro.
É parte dessa família
Que está longe do canteiro.

Casado com Louisianne
Três filhos Francisco tem.
Teve oportunidades
Dessas que a gente vê,
E se a gente não a toma
Ela passa muito além.

Abraçou o quanto pôde
E deu mais prioridade
Àquilo que parecia
Ser a oportunidade
De sua vida e se deu
Muito bem nessa verdade.

Tia Perpétua casou
Com o tio Genival
Três filhos, ela lhe deu,
Que orgulha esse casal.
Mais tarde abraçou a fé
Na igreja pentecostal.

Tem um apreço tão grande
Pelo pai, Antônio Ribeiro,
E pela mãe Azenira,
De espírito verdadeiro:
Amor que foi ensinado
É vivido por inteiro.

Morando sempre em Oeiras
Perto dos pais, tia Cida
É por todos estimada,
Sempre de bem com a vida,
Nessa cidade está
Sua história mais querida.

Casada com tio Francisco
Têm de filhos um casal,
Quando o esposo morreu
Num acidente fatal
Ela ficou bem mais próxima
Dos pais, como é natural.





Por fim eu quero lembrar
Da nossa tia Vitória
Que não viu a luz do mundo,
Mas viu a eterna glória,
Não nasceu viva, mas tem
Lugar nessa nossa história.

Com a multidão de anjos
Lá do céu roga por nós;
Pertence ao coro do céu
De que Jesus ouve a voz,
Ilumina a nossa história
Num dinamismo veloz.

Eu aqui peço licença,
Pra falar de azulão.
Era um jumento querido
Que serviu na precisão.
Do frade à rodagem de Picos,
Era o transporte então.

Eis aí a nossa história
Que gostamos de contar,
De Antônio e Azenira
Vamos sempre recordar.
Os caminhos mais bonitos
Vieram nos indicar...

Família por Deus formada
Com suas limitações,
Construída na unidade
De sonhos e frustrações,
Que por fim é coroada
Com as realizações.

De tanta beleza temos
Que a Deus agradecer
A vida longa de Antônio
Ribeiro que quis viver
A união com Azenira
E tantos frutos colher.

Deus abençoe seu caminho,
Antônio e Alzenira,
Que a sua vida seja
Beleza que se admira
Vida de exemplos profundos
Que tantas vidas inspira.

Parabéns por essa data,
Deus lhes projeta agora,
E cada passo que deem,
Felizes como outrora:
Estejam sempre guardados
Por Cristo e Nossa Senhora...









Título: A Saga da família Ribeiro

Categoria: Literatura de Cordel

Autores: Abel Ribeiro e Thiago Onofre

Arte / Capa: Manu Ribeiro

Diagramação: Erinaldo Setúbal

Gráfica: THE IMPRESSOS

Tiragem: 200 und

1ª Edição: 2021